

## Escavidão, Medicina e Doenças: investigando sociabilidades escravas nas *plantations* cafeeiras de Cantagalo, século XIX

Keith Barbosa\*  
COC / FIOCRUZ  
keithbarbosa@hotmail.com

Sob diversos ângulos muitos autores debruçaram-se sobre as múltiplas características dos universos sociais escravistas em variados contextos atlânticos, examinando o cotidiano, os arranjos familiares e as sociabilidades diversas. Considerando o intenso intercâmbio que ocorreu durante séculos entre os continentes Americano e Africano, o entendimento dos universos escravistas no mundo Atlântico adquire relevância entre estudos históricos mais recentes. Através de abordagens mais sofisticadas têm surgido investigações a respeito de vários aspectos da *agency*<sup>1</sup> e da cultura escrava.<sup>2</sup> E é neste âmbito das “experiências negras” que se renovam as abordagens (e também métodos) sobre a escravidão e a pós-emancipação, privilegiando aspectos dos arranjos familiares, dos significados de liberdade, das formas de protesto e cultura políticas, entre outras práticas. Nesse sentido, diversas faces da cultura material africana na diáspora, consideradas cruciais na formação da cultura e da identidade<sup>3</sup>, têm ganhado destaque nas análises mais recentes. Incluiríamos aí padrões de mortalidade e morbidade<sup>4</sup> no interior das senzalas que analisados sob novas óticas podem ser reveladores das experiências cativas, considerando os múltiplos universos escravistas que se moldavam na diáspora africana e a complexa rede de significação tecida, destacadamente, no universo do trabalho.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.

<sup>1</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>2</sup> No conjunto renovado destes estudos destacam-se os escritos clássicos de Robert Slenes. Ver: SLENES, Robert W. (1999). **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1999.

<sup>3</sup> Para uma discussão sobre a formação das identidades africanas, ver: HALL, Gwendolyn Midlo. Cruzando o Atlântico: etnias africanas nas Américas. **Topoi**, Rio de Janeiro, v.6, n.10, p.29-70. 2005.

<sup>4</sup> Ver discussões em: KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000; KIPLE, K. F.; KING, V. H. **Another dimension to the black diaspora: diet, disease, and racism**. Cambridge University Press, 1981; KLEIN, Herbert S. Vida, morte e família nas sociedades afro-americanas. In: KLEIN, Herbert S. **A escravidão africana: América Latina e Caribe**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987; LUNA, F. V. e KLEIN, H. S. **Escravidão no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2010, capítulo 2.

O contexto de renovação teórica e metodológica que perpassa a historiografia da escravidão brasileira levou muitos pesquisadores a avaliarem temáticas e contextos da saúde e da doença como caminhos empíricos válidos para a produção da análise histórica<sup>5</sup>. Desta forma, surgem até recentemente novas perspectivas a respeito de historicidades muito mais complexas do que até então se entendia, destacadamente nas discussões sobre as nosologias das populações escravas dos séculos passados<sup>6</sup>. Os conjuntos de proposições que emergem desse novo quadro de referências têm colocado a urgência em discutir suas articulações com a produção de conhecimento com outros campos do saber, destacadamente para as análises históricas sobre a explicação dos determinantes e da distribuição das doenças nas populações negras escravizadas do passado. Logo, evidencia-se a necessidade que os historiadores da escravidão intensifiquem o diálogo com outras áreas de conhecimento, destacadamente para os estudos sobre a ciência e a saúde, e assim avancem nas pesquisas relacionadas à saúde da população negra<sup>7</sup> tornando possível que novas faces do universo da escravidão e das multifacetadas dimensões da vida de milhões de africanos marcadas pelo tráfico atlântico sejam analisadas através das experiências de mortalidade e morbidade. Assim, a saúde dos escravos e suas práticas de cura, antes vistas pelas “frestas da história”<sup>8</sup>, podem ser recuperadas em dimensões mais complexas<sup>9</sup>.

Portanto, inseridos nesse movimento de revisão historiográfica e tendo em vista as perspectivas analíticas inauguradas com os estudos das doenças<sup>10</sup>, consideramos que é crível

<sup>5</sup> KARASCH, *op.cit.*, 2000.

<sup>6</sup> Para um valioso debate sobre o uso da epidemiologia histórica, ver: CARVALHO, D. M. de. Doenças dos escravizados, doenças africanas?. In: PORTO, A. (org.). **Doenças e escravidão: sistema de saúde e práticas terapêuticas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. CD-rom. Para reflexões em torno da epidemiologia enquanto disciplina, ver: BARRETO, M. L. A epidemiologia, sua história e crises: natas para pensar o futuro. In: *Epidemiologia: teoria e objeto*. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1994, p. 19-38; MORABIA, A. **History of the modern epidemiological** concept of confound. *Epidemiol Community Health* 65:297 e 300. 2011. Ver discussões recentes sobre essa temática em: “Dossiê Saúde e Escravidão”. In: **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v.19, supl., dez. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-597020120005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-597020120005&lng=pt&nrm=iso)

<sup>7</sup> Para um debate recente sobre as condições de saúde das populações negras no continente norte americano, ver: DOWNS, Jim. **Sick from Freedom: African-American Illness and Suffering during the Civil War and Reconstruction**. Oxford University Press, 2012.

<sup>8</sup> PORTO, A. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2006, p.1020. Disponível em : [www.scielo.br](http://www.scielo.br).

<sup>9</sup> Sobre o debate intelectual em torno da saúde dos cativos, ver importantes referências em: EUGÊNIO, Alisson. **Arautos do Progresso: O ideário médico sobre a saúde pública no Brasil Império**. Bauru: São Paulo: 2012.

<sup>10</sup> Ver principais discussões em: BARBOSA, Keith & GOMES, Flávio. “Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas”. **Ciência e Letras**, Porto Alegre, n. 44, jul./dez. 2008, pp. 237-259; BARBOSA, Keith. Vida e morte escravos no Rio de Janeiro Oitocentista, 1820-1836. In: NASCIMENTO, Dilene R.; CARVALHO, Diana Maul de; (orgs.). **Uma história brasileira das doenças**, vol.3. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

analisar as conexões entre doença e escravidão.<sup>11</sup> Pretendemos apontar algumas reflexões de uma pesquisa em andamento sobre a análise da vida cativa. Com tal intuito examinaremos as experiências desses escravos relativas à doença em uma importante região de *plantation* cafeeira do Vale do Paraíba fluminense, a região de Cantagalo.

### Fronteiras, espaços e experiências: a vida cativa nas *plantations* de café

Nas primeiras décadas do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro localizava-se um dos mais importantes portos de desembarque de escravos africanos vitimados pelas trágicas experiências do comércio transatlântico de cativos<sup>12</sup>. Numerosos estudos sobre a escravidão no Brasil revelaram uma sociedade complexa transformada pela inserção de milhões de africanos que desembarcavam nos seus principais portos<sup>13</sup>. Os dados arrolados sobre o número de africanos traficados indicam que entre os anos de 1801-1825 desembarcaram no Brasil 1.012.762 africanos, já entre os anos 1826-1850 foram contabilizados 1.041.964 e 6.800 cativos africanos<sup>14</sup> desembarcaram após a lei de proibição do tráfico de 1850, nesses dois últimos períodos levados para as fazendas de café do vale Paraíba. Sob a exploração do trabalho forçado desses indivíduos constituía-se uma das maiores cidades atlânticas africanas<sup>15</sup> das Américas. Nesse cenário social, o sudeste brasileiro assumiu um papel de maior importância para os mercados mundiais nos Oitocentos e o trabalho escravo era peça chave destas mudanças, moldando aspectos da diáspora africana. De acordo com Dale Tomich, “A transformação da economia mundial tornou as condições da existência do trabalho escravo mais vulnerável e volátil que antes. A competição de preços num mercado mundial e expansão e o crescimento do trabalho assalariado tornaram a produtividade do trabalho mais importante.”<sup>16</sup>. Assim, desvela-se um quadro material de profundas transformações em que a expansão do mercado mundial do café, que favorecia o impressionante crescimento da produção cafeeira na província do

<sup>11</sup> NASCIMENTO, D. R. do. e SILVEIRA, A. J. T. “A doença revelando a história. Uma historiografia das doenças” In: NASCIMENTO, D. R.; CARVALHO, D. M et aalli.(orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004, p.20.

<sup>12</sup> Para uma perspectiva inovadora sobre as trágicas experiências nos navios negreiros, ver: REDIKER, Marcus. **O navio negreiro: uma história humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>13</sup> Ver: FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1995.

<sup>14</sup> CHALHOUB, Sidney. **A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil Oitocentista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 35

<sup>15</sup> Soares, E., GOMES, F. e FARIAS, J. No **Labirinto das nações: africanos e identidades**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p. 23.

<sup>16</sup> TOMICHI, Dale W. **Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial**. São Paulo: EDUSP, 2011, p.114.

Rio de Janeiro<sup>17</sup>, incrementou o tráfico atlântico de escravos e conduziu a forma como se configurou a escravidão nas *plantations* cafeeiras no Vale do Paraíba fluminense.

Durante as primeiras décadas do século XIX, o rápido crescimento demográfico e o pioneirismo na produção cafeeira transformavam todo o Vale do Paraíba fluminense em um importante produtor cafeeiro, chamando à atenção de inúmeros visitantes que observaram as condições da vida cativa e compondo um importante espaço de observação de variados aspectos do cotidiano dos escravos<sup>18</sup>. Já nas primeiras décadas do século XIX a Vila de Cantagalo, na região Sul da Província do Rio de Janeiro, localizada em um estreito Vale cercado por montanhas já se caracterizava por um crescente fluxo de mercadorias e pessoas, representando um dos espaços de “confluências”<sup>19</sup> entre as principais regiões da Província do Rio de Janeiro. Era uma localidade ligada por via terrestre a cidade do Rio de Janeiro, cortada pelo Caminho Novo que alcançava as áreas auríferas de Minas Gerais<sup>20</sup> e também estava conectada a outras regiões da província por caminhos fluviais. “Das antigas lavras à criação do município de São Pedro de Cantagalo passaram-se décadas em que se produziu cereais, café, cana-de-açúcar, milho, arroz, feijão, mandioca, batata doce”<sup>21</sup>. No âmbito da economia nacional, a rápida expansão cafeeira na região tornava o valor do produto mais caro e atraía o interesse dos comerciantes. As encostas das serras atlânticas eram tomadas por novas roças iniciando a derrubada da mata e os conflitos de terras. Logo, a paisagem social do Vale “relativamente desocupado em 1800, cinquenta anos depois adquiriria o caráter de típica região escravista de *plantation*”<sup>22</sup>. De acordo com Eliana Vinhaes, a região de Cantagalo passou a atrair “viajantes, cientistas europeus, curiosos, cronistas de época e agentes estrangeiros a serviço da fiscalização da imigração”<sup>23</sup>. Esses personagens deixaram registrados importantes testemunhos sobre a região, suas peculiaridades geográficas, sua produtividade agrícola, as

<sup>17</sup> MARQUESE, R. de B. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.264

<sup>18</sup> Sobre as discussões em torno da administração dos escravos, ver: MARQUESE, R. de B. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>19</sup> BEZERRA, Nielson Rosa. **As chaves da escravidão: confluências da escravidão no Recôncavo do Rio de Janeiro**. Niterói, EdUFF, 2008, p. 142.

<sup>20</sup> LOS RIOS, Adolfo Morales de. **O Rio de Janeiro Imperial**. 2ª edição, Editora Topbooks, 2000, p. 50.

<sup>21</sup> Idem, p. 02.

<sup>22</sup> TOMICH, Dale. “O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial de café”. In: GRINBERG, K. e SALLES, R. **O Brasil Imperial**. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, vol.2. 2010,

<sup>23</sup> VINHAES, *op.cit.*, 1992, p. 33.

principais técnicas empregadas na cultura cafeeira e as principais características da população. No decorrer da nossa pesquisa compilamos algumas observações e impressões relatadas pelos visitantes que passaram pela região de Cantagalo. Foi a partir desses registros que iniciamos nossa investigação sobre o governo dos escravos na região oriental do Vale.

Seguindo os caminhos traçados por um médico alemão e de tantos outros visitantes de Cantagalo foi possível examinarmos os universos sociais dessa importante região do Vale cafeeiro, tendo como fio condutor regimes de trabalho e demografia específicos das vidas escravas. As *plantations* do Vale do Paraíba compunham, na época, a importante geografia cafeeira da região. É nesse contexto que o médico Reinhold Teuscher descreve suas primeiras observações sobre as condições sanitárias dos escravos que viviam em algumas fazendas da Comarca de Cantagalo. Em tese apresentada à faculdade de medicina em 1853, Reinhold Teuscher descreveu sua visita às propriedades Santa Rita, Boa Sorte, Boa Vista, Áreas e Itaoca e observou novecentos escravos durante cinco anos. As anotações de Teuscher servem-nos como ponto de partida para esquadriarmos esses cenários. Nesse sentido, sobre algumas doenças dos escravos, o médico anotou:

Passo a dizer algumas palavras sobre as moléstias mais frequentes entre os pretos destas paragens. Entre elas ocupa o primeiro lugar pela sua importância a anemia intertropical, ou opilação (...) O clima entre os trópicos sem dúvida predispõe esta doença, mas as causas próximas que a podem promover são numerosas.<sup>24</sup>

O volumoso número de escravos, que circulavam pelos morros da região, transformava essas propriedades em um ambiente ideal para as experiências de observação do “estado sanitário dos cativos da região”.

Tendo eu tido ocasião de observar durante mais de cinco annos o estado sanitário de mais de novecentos escravos, desejei muitas vezes poder obter algumas datas sobre a estadística sanitária da raça ethiopica em outros estabelecimentos semelhantes a estes onde eu vivia. Não pude achar informações exactas a este respeito, e por isso resolvi de publicar as minhas observações, apesar de serem os números pequenos e o tempo curto de mais para se poder basear um calculo exacto sobre ellas.<sup>25</sup>

Com relação ao tratamento das doenças desses escravos, descreveu:

<sup>24</sup> TEUSCHER, Reinhold. **Algumas observações sobre a estatística sanitária dos escravos em fazendas de café.**

These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e publicamente sustentada aos 22 de julho de 1853. Rio de Janeiro: Villeneuve & Comp., 1853, p. 9

<sup>25</sup> Idem.

Dos escravos de Santa Rita adoeceram de opilação em 1848, 29, em 1849, 20, em 1850, 7, em 1851 5, em 1852 (ano de muita chuva), 17; e como o tratamento desta doença é sempre prolongado, a duração média das moléstias nestes anos foi em proporção direta aos números de opilados. Esta duração foi de 15,9 dias em 1848, de 14,9 em 1849, de 4,8 em 1850, de 10,9 em 1851, e de 14,5 em 1852<sup>26</sup>.

Em estudo clássico sobre a escravidão, Emília Viotti da Costa que dedicou um capítulo para vida dos escravos nas fazendas rurais<sup>27</sup> apontou a presença de indivíduos que exerciam atividades médicas na região<sup>28</sup>. Ela também registrou a passagem Dr. Teuscher por uma das maiores propriedades da região. Segundo Viotti, as fazendas de Santa Rita e Áreas, que o médico alemão dirigiu um hospital, pertenciam a Antônio Clemente Pinto, Barão de Nova Friburgo.

Fontes disponíveis sobre como funcionavam os tratamentos médicos oferecidos pelos proprietários cafeeiros nem sempre são encontradas. Porém, é possível mapearmos alguns indícios dos cuidados dispensados à escravaria. Segundo o projeto titulado *Inventário das Fazendas de Café do Vale do Paraíba*<sup>29</sup>, na fazenda Areias funcionou um prédio que servia de hospital dos escravos, medindo aproximadamente 573 m<sup>2</sup>, ficava bem ao lado da casa principal, separada da construção principal, e que preserva até hoje algumas de suas características originais.

Das fazendas citadas por Teuscher, encontramos neste *Inventário* as fazendas Areias e Itaoca. Na fazenda Areias foi localizada uma enfermaria que serviria para o tratamento dos cativos doentes. Sobre esses hospitais, Teuscher descreve-nos:

Só as fazendas de Santa Rita e Areias tem hospitais regulares, com enfermeiro branco, e fornecido todos os recursos necessários; das outras fazendas são os doentes mais graves enviados para estes hospitais; as moléstias mais leves tratão-se em casa; só Itaoca manda todos os seus doentes para o hospital de Areias. Este é o motivo porque só posso apresentar datas completas sobre as povoações de Santa Rita<sup>30</sup>

De acordo com as informações desse projeto, a fazenda Areias construída em meados dos Oitocentos destacava-se das outras propriedades da região, era vista como uma “das mais belas

<sup>26</sup> Idem, p.10.

<sup>27</sup> COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 316.

<sup>28</sup> Sobre as artes de curar no Rio de Janeiro, ver: Pimenta, T. S. “Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade dos Oitocentos” In: **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1), 2004, p. 67-92.

<sup>29</sup> Disponível na Internet: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>

<sup>30</sup> TEUSCHER, *op. cit.*, 1853.

casas de morada em estilo colonial de toda a região, com belíssimas proporções, trabalhos em cantaria e carpintaria, e expressivos murais em seu interior”<sup>31</sup>. Além disso, “possuía um formidável conjunto produtivo que contava com armazéns, engenhos, máquinas de beneficiar café, uma usina elétrica de 56 cavalos de força, mais de 600 mil pés de café, grandes lavouras de cana e de cereais”<sup>32</sup>

Em um processo de apelação localizado no Arquivo do Museu da Justiça do Rio de Janeiro, também encontramos registro de uma enfermaria no espólio dos bens do Barão. Em 1893 foi aberto um processo para que parte da sociedade que pertencia aos herdeiros do finado Antônio Clemente Pinto denominada Engenho Central Rio Negro fosse liquidada, tendo como apelante no processo o então herdeiro conde de Nova Friburgo. Nessa ação são descritos os valiosos bens da família Clemente Pinto e uma enfermaria aparece entre os bens arrolados no libelo. É bem provável que tenha sido a mesma enfermaria que o médico alemão trabalhou, já que a propriedade de Areias era uma das mais importantes da região. Entre os objetos que pertenciam à enfermaria nesse processo foram registrados lençóis de algodão, fronhas, cobertores e [aurinais], tudo avaliado no valor de doze mil e quinhentos réis<sup>33</sup>. Sobre os cuidados que deveriam ser dispensados aos escravos doentes Carlos Augusto Taunay já alertava em seu *Manual do Agricultor brasileiro*. Segundo ele,

Parece incrível que haja precisão de recomendar que se tome cuidado dos pretos doentes, pois que o interesse e a humanidade igualmente exigem. Mas o desleixo e abandono são tais em muitas partes, que somente na ocasião de perigo iminente é que se dá fé do estado dos escravos, e se lembram de os tirar das encharcadas palhoças onde jazem no chão, mas cobertas com trapos pestíferos. É de se esperar que a alta do preço dos negros e menores rendimentos da agricultura tornem os senhores mais solícitos no tratamento da escravatura. Toda a fazenda bem regrada deve ter uma sala e bem arejada para o hospital, como camas de tabuado, boas esteiras ou enxergões, lençóis, camisas e tudo o que é necessário para a cura dos doentes, e se a situação da fazenda permitir, deve-se ter um cirurgião de partido.<sup>34</sup>

Outros indícios sobre o governo dos escravos no Vale do Paraíba fluminense surgem com a morte do engenheiro holandês Jacó van Erven. As informações que constam no seu inventário *post-*

<sup>31</sup> Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense. Acesso em Janeiro de 2011. Online. Disponível na Internet: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/> . p. 275.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Apelação, Conde de Nova Friburgo, Cx202, 1893.

<sup>34</sup> TAUNAY, Carlos Augusto. **Manoel do Agricultor brasileiro**; organização Rafael Bivar Marquese. São Paulo: Companhia das Letras. 2001. p.64.

*mortem* de 1867 lançam luz sobre os 457 cativos que viviam em suas terras, constituindo uma fonte preciosa de informação sobre a escravidão e as condições de trabalho nas *plantations* cafeeiras. Segundo seu inventário *post-mortem*<sup>35</sup>, Jacob possuía sociedade com o Barão de Nova Friburgo nas fazendas Águas Quente, Boa Fé, Santa Clara do Macucu, São Martinho, Potósi, São Bartolomeu e Boa Fé.

Nas fazendas Águas Quente, Santa Clara de Macuco e São Martinho foram registrados hospitais e enfermarias para receber os escravos doentes. Na primeira foi registrado “um hospital com uma cozinha” e botica avaliada em oito conto de réis, na segunda uma “enfermaria em mal estado” no valor de cento e cinquenta mil réis e na fazenda São Martinho “uma casa de hospital” avaliada em seiscentos mil réis. Como as outras propriedades eram anexas a essas fazendas, é bem provável que os cativos doentes seriam tratados nesses espaços. Além disso, também encontramos o registro de um escravo pardo, de 60 anos e com a função de barbeiro, avaliado em quatrocentos mil réis. Esse escravo vivia na fazenda Santa Clara de Macuco, assim, é possível que ele exercesse seu ofício de barbeiro nas enfermarias e hospitais ou que cuidasse de seus companheiros de cativeiro nas senzalas. Vejamos alguns padrões da população escrava que vivia nesses plantéis.

*Tabela 1.* Distribuição da população escrava das fazendas de Jacob Van Erven segundo faixa etária, sexo e naturalidade. (1870)

Fazendas	Inocentes	Africanos		Crioulos		Total
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Fazenda Potosi	5	4	3	3	8	23
Fazenda São Martinho	26	13	6	29	27	101
Fazenda Santa Clara do Macuco	7	35	18	26	25	111
Fazenda Águas Quente	15	18	20	37	25	115
Fazenda São Bartolomeu	5	4	3	3	8	23
Fazenda Boa Fé	11	14	5	31	23	84
<b>Total</b>	<b>69</b>	<b>88</b>	<b>55</b>	<b>129</b>	<b>116</b>	<b>457</b>

<sup>35</sup> Inventário *post-mortem* de Jacob van Erven, 1867. AMJ RJ

*Fonte:* Inventário *post-mortem* de Jacob van Erven, 1867. Arquivo do Museu da Justiça do Rio de Janeiro (AMJRJ).

Como se pode observar, na tabela 1 a população escrava adulta das propriedades que faziam parte do espólio de Jacob van Erven era composta não apenas de cativos homens, a presença de mulheres em idade adulta era bastante significativa. A presença de uma parcela considerável de escravos crioulos, particularmente nesta fazenda, revela como uma dos mais importantes centros cafeeiros sobreviveu a problemas decorrentes da escassez de mão de obra africana. Destacam-se também, a partir da leitura do inventário de Jacob van Erven, os registros de famílias escravas vivendo nas suas fazendas. Alguns escravos aparecem divididos nas listas e registrados como “famílias”, compostas de mulheres e seus filhos. Logo, verificamos que o quadro demográfico que se esboça nesses plantéis de médio e grande porte pode revelar aspectos particulares daquela população cativa.

Sobre a presença de médicos nos plantéis de Clemente Pinto, salientamos que o médico alemão não foi o único a circular pelas fazendas do Barão de Nova Friburgo cuidando dos doentes. Por exemplo, em fevereiro de 1885, uma nota no jornal de Cantagalo, *O Voto Livre: órgão Liberal* informava a morte do médico italiano Dr. Carlos Eboly. “Por largos anos exerceu o Dr. Eboly, neste município, a sua profissão, quer como médico de [partido] das fazendas do finado Barão de Nova Friburgo, quer como clinico livre”. Além disso, foi “fundador do Estabelecimento Hydroterapico de Nova Friburgo e notável facultativo desta Vila”<sup>36</sup>. Além das doenças, os acidentes com animais e insetos no trabalho do campo também exigia atenção dos senhores. J. J. Von Tschudi (1980) nos relata em uma de suas viagens como os ataques de animais eram preocupantes, especialmente para Cantagalo os ataques de cobras nas roças eram os mais registrados.<sup>37</sup>

Outro aspecto que cogitamos nesta pesquisa são os laços familiares e de parentescos construídos nas senzalas desses plantéis, os quais podem demonstrar as escolhas que as mães escravas faziam em relação ao melhor “tratamento” a ser dispensado aos seus filhos. Sobre este

<sup>36</sup> *O Voto Livre: órgão Liberal*. 22/02/1885. Biblioteca Nacional: PR-SOR 5642-5666.

<sup>37</sup> TSCHUDI, J. J. Von. *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. Minas Gerais: Editora Itatiaia Ilimitada, 1980, p. 78-79.

cotidiano, o “olhar branco”<sup>38</sup> do médico alemão Teuscher enfatiza o quanto era difícil cuidar da saúde das crianças:

Se o tratamento medical dos pretos em geral encontra muitas vezes obstáculos na sua falta de inteligência, se a dificuldade em que maior parte deles se achão e dar conta dos seus sofrimentos limita ordinariamente à exclusão apreciação dos sintomas objetivos, isto tem lugar em muito maior no tratamento das crianças. As mães, pouco cuidadosas ou mal esclarecidas, contribuem geralmente antes para fazerem os seus filhos doentes, do que para conservarem-lhes os seus filhos a saúde, e estorvão o tratamento em lugar de o ajudarem.<sup>39</sup>

É bem provável que muitos escravos tenham se negado a serem tratados ou a tomarem as drogas oferecidas pelos seus senhores ou médicos nos hospitais e/ou enfermarias das fazendas. Poderíamos supor, ainda que inicialmente, que muitos escravos recorressem aos serviços dos barbeiros cativos que viviam nas fazendas de Cantagalo. Na lista dos cativos em que constam informações sobre profissões, encontramos outros escravos identificados como “barbeiros”<sup>40</sup> vivendo em outros plantéis da região. Com relação à saúde dos escravos nos plantéis de Jacó van Erven encontramos escassas referências nas listas de escravos. Os escravos doentes apareceram registrados como quebrados (5), cego (1), doente (1), defeituoso (1), opilado (1), paralítico (1) e doente do útero (1).

Ainda sobre as moléstias mais frequentes nas fazendas de Cantagalo, Teuscher observou que fatores como o clima das *plantations* poderiam afetar a saúde dos cativos. Segundo ele,

O clima entre os trópicos sem dúvida predispõe para está doença [anemia intertropical, ou opilação], mas as causas próximas que a podem promover são numerosas. Não existe entre os escravos de todas as fazendas igualmente, mas escolhe de preferência aquelas de terras mais úmidas, e por consequência mais férteis<sup>41</sup>.

De outro modo, é possível refletirmos a respeito da saúde dos escravos examinando as ambiências de Cantagalo. As características ambientais da região também oferecem fragmentos valiosos para reconstruirmos os cenários de escravidão e doenças. Reflexões sobre o debate intelectual travado nas últimas décadas do século XIX indicam aspectos da crise da agricultura

<sup>38</sup> SLENES, Robert. **Na senzala uma flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.11.

<sup>39</sup> TEUSCHER, *op. cit.* 1853.

<sup>40</sup> Inventários *post-mortens* de Rafael Ignácio da Fonseca Lontra, 1867 e Jacob Van Erven, 1867. AMJRJ

<sup>41</sup> TEUSCHER, *op. cit.* 1853.

cafeeira no Vale do Paraíba dando relevo à dinâmica do trabalho escravo e suas vicissitudes. Um fazendeiro de Cantagalo, na década 70 dos Oitocentos, alertava para os problemas das derrubadas das matas e informava que,

(...) à proporção que terrenos descortinados e plantados se iam esgotando, ou provando serem secas as terras, administradores e fazendeiros, que só miravam materialismo lucro do momento, iam sem dó nem consciência derrubando novas matas em demanda de novas terras<sup>42</sup>.

O quadro esboçado da região passa a ser descrito em meio à rápida expansão dos cafezais quando se verificou que as “irregularidades das estações, a falta de chuvas, o aumento das temporadas de seca, o empobrecimento biológicos dos cafezais, as pragas, as formigas”<sup>43</sup> afetavam a venda e a produção do café e, ainda, causavam problemas com o abastecimento de alimentos na região. Logo, já poderíamos questionar como tais problemas, típicos daqueles plantéis, afetariam diretamente as condições de saúde dos cativos e dos homens livres daquelas paragens.

Conseguimos encontrar alguns casos emblemáticos com uma análise inicial dos processos de inventários *post-mortens* dos senhores de escravos de Cantagalo. Na década de 60 dos Oitocentos iniciou-se o processo de inventário com o falecimento de Anna Margarida Ursúla<sup>44</sup>. No decorrer do processo o inventariante teve dificuldades em administrar o espólio da falecida, avaliado em mais setenta e seis contos de réis. Uma nota do oficial de justiça do Juízo Municipal informa:

(...) achamos a dita fazenda em completo abandono sem que estivesse na fazenda mais que um preto doente pedimos informações a seus vizinhos sobre o desaparecimento dos escravos pertencentes a mesma Fazenda nos foi informado que no dia seis próximo passado o dito José Cipriano Rossier e seu irmão João Basílio Rossier se evadirão com todos os escravos pertencentes a dita fazenda<sup>45</sup>.

Em 1862, um dos herdeiros apresenta um pedido para retomar o controle do espólio da sua falecida mãe. João Francisco de Araújo acusava dois outros herdeiros de abandonarem a fazenda e fugirem com os escravos que moravam na propriedade. Em um dos documentos que fazem parte do processo, João Francisco descreve:

<sup>42</sup> AZEVEDO, L. C. de. A Poda e o Arado na Lavoura do Café no Município de Cantagalo. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 9, p. 193, 1877. *apud* PADUA, J. A. *Cultura Esgotadora: Agricultura e Destruição Ambiental nas Últimas Décadas do Brasil Império. Estudos Sociedade e Agricultura* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 11, p. 134-163, 1998.

<sup>43</sup> PÁDUA, *op. cit.* 1998. p.140.

<sup>44</sup> Inventário *post-mortem* de Ana Margarida Úrsula, 1860, caixa 481, AMJRJ

<sup>45</sup> Idem

(...) a fazenda estava em completo abandono estando seus cafezais no mato e sem os escravos necessários para os trabalhos na fazenda (...) encontrou quinze escravos sendo dois unicamente do serviço da roça, e a maior parte crias e o resto mulheres encarregadas de tratar das mesmas, algumas das quais estão enfermas. Vê se portanto o suplicante inabilitado de remediar esse mal, mesmo porque os escravos estão desmoralizados, e receia o suplicante que exercendo o rigor eles se evadão e precisa ao mesmo tempo incumbir a alguém a guarda dos bens inventariados; no que necessariamente tem de fazer despesas, que afinal documentará para serem atendidas.<sup>46</sup>

A leitura desse libelo indica que o cotidiano das relações entre senhores e escravos era permeado por tensões, conflitos. Como sugeriu Gomes, “Escravos não só percebiam o mundo a sua volta, não só o modificavam, como agiam em função dessas possíveis mudanças”<sup>47</sup>. No primeiro registro da fuga dos escravos da fazenda da falecida Ana Margarida, os oficiais de justiça da região encontraram apenas um escravo, que provavelmente não fugiu porque estava muito doente. Antônio congo foi avaliado em duzentos mil réis por estar doente, enquanto a maioria dos seus companheiros de cativeiro foi avaliada em mais de um conto de réis. É possível supor que os conflitos travados entre os herdeiros pela herança teriam motivado o aumento das tensões entre escravos e o novo proprietário da fazenda. Tudo indica que tais conflitos afetaram o abastecimento da fazenda e, provavelmente comprometeram a venda do café. Nesse contexto, os escravos estavam “desmoralizados” e a vida na escravaria estava mais penosa, fato que afetava diretamente a saúde dos cativos.

Embora tais informações sejam apenas fragmentos de muitas histórias que permeavam as experiências dos indivíduos escravizados, elas são fundamentais para reconstruirmos esses mundos da escravidão que se desvelaram na importante paisagem social do Vale do Paraíba fluminense. A questão da saúde e da doença entre a população escrava no Brasil pode então ajudar-nos a desvendar os interstícios da vida escrava nas comunidades de senzalas dos plantéis de café no século XIX. Aproximando e alargando a escala de observação para o cotidiano dos personagens escravizados, é possível tecer novas sistematizações a respeito do complexo universo da escravidão, tanto para o Brasil, quanto para outros cenários escravistas. A identificação de alguns padrões de mortalidade e as doenças envolventes, o exame da cultura material dos escravos, seus hábitos e

---

<sup>46</sup> Idem

<sup>47</sup> GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.78.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

13

modos de viver podem contribuir para recompormos o universo social daquele ambiente, apontando as principais causas da morte como resultados de aspectos da vida social escrava.